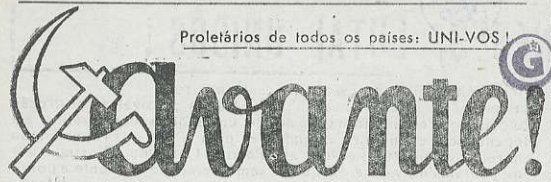


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



CONTRA A OFENSIVA DOS MONOPÓLIOS E DO GOVERNO FASCISTA

Operários e camponeses lutai unidos!

O aumento do preço do bacalhau veio comprovar mais uma vez que são os monopólios e o governo fascista que provocam o aumento do custo de vida.

Pouco tempo depois da publicação da Portaria determinando a subida do preço daquele produto, os armadores da pesca do bacalhau agradeciam ao ministro da Economia os serviços prestados e as novas medidas de protecção que o governo de Salazar se propõe levar a cabo, ajudando financeiramente os armadores na renovação da frota de pesca.

Para além dos 400 mil contos que no ano corrente custa ao país a acção protecção do governo aos armadores, grandes armadilhas e Junta Reguladora do Comércio do Bacalhau, os dirigentes fascistas propõem-se fornecer novos e vultuosos créditos aos armadores, ao abrigo do III Plano de Fomento, no valor de mais de 800 mil contos, para a construção de uma frota de arrastões no decurso dos próximos 6 anos.

Depois do aumento do preço das garrafas de gaz JA CIDLA, empresa associada ao poderoso monopólio da SACOR, o governo fascista acedeu ao pedido da Sociedade do Estoril para que fossem aumentados os preços dos bilhetes do caminho de ferro em

25 por cento, para que esta empresa junto aos lucros exorbitantes, obtidos com o transporte diário de milhares de passageiros, novas verbas para a renovação e alargamento da sua actividade.

Na sombra, mas não com menos possibilidades de sucesso, a C.P. aguarda também o aumento do preço dos bilhetes, que já requerem ao governo, que tão fartamente a tem servido.

No silêncio das Secretarias do Estado prepara-se uma nova ofensiva contra o poder de compra das amplas massas popula-

res pela elevação do preço do pão. O Partido Comunista Português já alertou a classe operária e o povo para a necessidade de se empreenderem acções de massas, com o objectivo de impedir tal aumento. «Só a luta da classe operária, só a acção organizada do povo, só a activa participação das mulheres poderão evitar que o governo fascista aumente o preço do pão», afirmava já em Dezembro do ano passado a Declaração do Partido Comunista Português sobre o problema do pão.

(continua na 2.ª pág.)

PARTICIPAÇÃO ACTIVA E CRIADORA DE TODOS OS MILITANTES DO PARTIDO NA APLICAÇÃO DAS RESOLUÇÕES DO COMITÉ CENTRAL

Na reunião de Julho, o Comité Central situou as deficiências e dificuldades da actividade do Partido no quadro da vida nacional, na perspectiva revolucionária que a agudização da crise do regime oferece ao trabalho diário dos comunistas no desenvolvimento da organização do Partido, no reforço da sua ligação com as massas, no desencadeamento e intensificação das lutas da classe operária e dos restan-

tes trabalhadores pela conquista das suas reivindicações, no reforçamento da Unidade anti-fascista, visando a mobilização das amplas massas populares para o derrubamento da ditadura.

A reunião do Comité Central reafirmou as conclusões e decisões do VI Congresso e das reuniões posteriores do Comité Central sobre a necessidade de alargar a organização do Partido aos centros fundamentais da classe operária, de concentrar a actividade dos militantes entre o proletariado industrial e rural.

A actividade de organização deve intensificar-se com a firmeza e a persistência que a situação actual do Partido impõe, mas tendo em conta as condições de cada sector, as suas características próprias.

O Comunicado do Comité Central assinala a necessidade de se melhorar a vida política activa das organizações para que possam debruchar-se sobre os problemas vivos do Partido, assimilar e aplicar a sua linha política, levar à prática as resoluções tomadas, pondo termo ao desajustamento que continua a manifestar-se entre a orientação traçada e a sua aplicação efectiva.

O Comité Central salienta de novo a importância da luta de massas e coloca na ordem do dia a necessidade de impulsionar e organizar melhor as lutas dos trabalhadores pela defesa dos seus interesses e pela conquista das suas reivindicações imediatas, orientando essas lutas para a perspectiva do derrubamento

OS FASCISTAS MANOBRAM PARA IMPEDIR UMA SOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

Antunes Varela expoente dessa política

Uma política democrática impõe soluções democráticas

Caracterizando a actual situação do país, o Comunicado de reunião de Julho do Comité Central exprime-se do seguinte modo:

«Cada vez mais se acentua a dominação de toda a vida portuguesa por um reduzido número de grandes grupos monopolistas. Novas fusões, associações e acordos de bancos e empresas, novos planos de reorganização industrial, a monopolização do crédito e do mercado de capitais acusam tanto a agudização de concorrência, como o entandimento dos grupos monopolistas contra a classe operária e as restantes camadas da população.»

Este panorama social condiciona uma correlação de forças e soluções políticas, que requerem profundas reformas de estrutura, devidamente assinaladas no Programa do Partido Comunista Português, aprovado no VI Congresso.

É impossível construir a democracia deixando de pe a máquina fascista do Estado e o poder dos monopólios. É impossível solucionar os graves problemas nacionais retocando a fachada do

(continua na 4.ª pág.)

É FARTAR VILANAGEM!

A dança das pastas e das postas

O engenheiro Canto Moniz foi director do gabinete que fiscalizou a construção da ponte sobre o Tejo, em Lisboa. Durante anos o seu nome teve honras nas primeiras páginas dos jornais. A sua probidade e a sua alta capacidade técnica eram inalteráveis diariamente, e não era para menos: ele vivia com grande rigor pelo pleno cumprimento dos planos, defendia sem um desvio «os sagrados interesses nacionais». Estava ali o futuro ministro das Obras Públicas.

Ninguém esperava, porém, uma pequena indiscrição dos norte-americanos, construtores da ponte: pela eficaz fiscalização exercida, pela sua grande probidade pessoal e pela sua acção em defesa «dos interesses nacionais», a companhia construtora norte-americana inscreveu no seu relatório de contas final uma pequena verba de 20.000 contos entregue ao senhor engenheiro Canto Moniz.

Esta indiscrição inesperada, que não a probidade do regime, custou ao senhor Canto Moniz a pasta das Obras Públicas, mas não lhe fez perder a grande pasta antes recebida.

Por sua vez, o ex-subsecretário da aeronáutica militar, general Francisco Chagas, pouco tempo antes de deixar a pasta tratou de arranjar as coisas para se abotoar com uma boa nota. As despesas com a guerra colonial e preparativos militares ao abrigo do Pacto do Atlântico dão larga margem para os grandes patriotas e heróis fascistas encherem a barra.

E norma os fornecimentos ao Estado serem feitos depois de concursos públicos, porém, o senhor general Francisco Chagas

(continua na 2.ª pág.)



OPERÁRIOS E CAMPOSES, LUTAI UNIDOS!

CRESCER A PENETRAÇÃO CAPITALISTA NA AGRICULTURA AVO.UMA-SE A CRISE AGRÍCOLA

(continuação da 1.ª pág.)

O recente projecto do decreto-lei, emanado do ministério da Economia, Secretarias do Estado da Agricultura, Comercio e industria sobre a «motonomecanização da agricultura» acentua o desenvolvimento capitalista nos campos e define, mais uma vez, o carácter de classe da politica fascista.

Através da utilização dos fundos do Orçamento arrancados ao povo português, através dos dinheiros das Caixas de Previdência e da organização sindical corporativa e de empréstimos aos bancos, sob caução do Estado, o governo fascista propõe-se subsidiar os grandes agrários, através de empréstimos vantajosos e de subsídios gratuitos que vão até 20 por cento das verbas necessárias, para a compra de máquinas agrícolas, para a criação de parques de tractores e ceifeiras debulhadoras.

O acréscimo já registado no número de tractores, que nos últimos dez anos passou de 4,494 para 14,086, bem como o acréscimo do número de ceifeiras debulhadoras que no mesmo período de tempo passou de 96 para 723, irá registar um aumento substancial para servir de base à reestruturação económica que se está operando nos campos sob o domínio dos grandes agrários e

capitalistas.

Ao mesmo tempo que acelera a penetração do capitalismo nos campos através da politica de reconversão agrária, das obras de rega, da industrialização dos produtos agrícolas, da mecanização da agricultura, o governo fascista coloca os pequenos e médios camponeses numa situação de ruína e desespero, submetendo-os aos interesses dos capitalistas liquidando-os economicamente a curto prazo no permitindo que mantenham a sua precária existência como apêndices dos monopólios, quando não utiliza a organização corporativa para as mais descaradas rouboleiras.

A recente medida do governo facilitando a Junta Nacional de Fruta a compra da batata aos produtores pelo preço actual do mercado, longe de representar uma medida de protecção, significa, pelo contrário, um vergonhoso cambaleio, semelhante a muitos outros, em que lucram apenas os tubarões da organização corporativa, permitindo-lhes proximoamente a venda da batata no mercado interno por preços muito mais altos.

Enquanto a exportação de vinho do Porto desce em mais de 2 milhões de contos, a politica agrária do governo continua a basear-se na importação de tri-

go, farinha, milho, arroz e cevada, num total de mais de 1 milhão de contos, acentuando o grau de dependência económica do país em relação a produtos essenciais que podiam cultivar-se, em quantidade suficiente, no solo próprio.

Nos sectores fundamentais da agricultura dominam hoje as forças capitalistas, gerando uma crise sem precedentes sob o dominio fascista. A introdução de processos técnicos modernos, o uso da máquina, em larga escala, nas diversas operações agrícolas substituem milhares de braços de trabalhadores rurais, reduzindo-os à fome e provocando um fenómeno de emigração massivo para as cidades e para o

estrangeiro.

«Não é possível a construção de um regime democrático em Portugal — diz o Programa do Partido Comunista Português — sem alterar radicalmente a politica agrária, sem eliminar o dominio da agricultura pelos grandes agrários, sem entregar a terra a quem a trabalha».

Com esse objectivo, o Programa do Partido Comunista Português considera indispensável a expropriação dos latifúndios e das grandes explorações agrícolas capitalistas, a entrega das terras expropriadas aos assalariados rurais e aos camponeses pobres (proprietários, rendeiros e parceiros).

INTENSIFICA-SE A EXPLORAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

A LUTA ORGANIZADA É A ÚNICA SAÍDA

«A exploração dos trabalhadores intensifica-se através de novas formas — afirma o Comunicado do Comité Central — Os salários não acompanham o aumento de rendimento de trabalho. A reorganização técnica das empresas e o desenvolvimento do capitalismo nos campos, a estagnação e a crise de numerosas indústrias tradicionais, a politica de congelamento de salários, a maior utilização da mão de obra feminina, o aumento geral da jornada de trabalho através de horas extraordinárias, a intensificação dos ritmos de trabalho, criam novas e sérias dificuldades ao proletariado industrial e rural».

A produtividade de trabalho aumentou em 48 por cento nos últimos cinco anos, o que significa um maior esforço, ritmos de trabalho esgotantes, aumento de lucros capitalistas, atropelamento de salários baixos que não correspondem, nem de longe, ao aumento do custo de vida.

Os salários dos trabalhadores portugueses são os mais baixos da Europa. Um operário têxtil da industria do algodão ganha um salário médio horário de 4535, enquanto um operário belga do mesmo ramo de produção ganha 4 vezes mais, na Holanda o salário é 6 vezes maior.

No ano corrente verifica-se um recrudescimento da luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista. Operários conservadores, metalúrgicos, portuários, operários das Carris, ferroviários, construtores navais, empregados de seguros e bancários, operários dos produtos químicos, do cimento e de outras indústrias travaram lutas pela conquista de reivindicações imediatas.

Várias dessas lutas obtiveram êxitos, mas outras quedaron-se a meio caminho quando não ficaram no começo, por falta de orientação acertada, de organismos de direcção — comissões de unidade e comissões sindicais — por falta de medidas concretas, eficientes e rápidas.

Não se elevam os salários ao nível do custo de vida, não se põe cobro à exploração desenfreada, à acção dos monopólios, não se conquistam reivindicações fundamentais, não se liquida a crise agrícola e a politica fascista nos campos, sem uma luta organizada e persistente, a partir das reivindicações imediatas, estendendo-se aos trabalhadores do mesmo ramo de industria, aos operários e camponeses de uma mesma localidade, de uma região, do país inteiro. Urge organizar a luta em maior escala, reforçar a combatividade dos trabalhadores da cidade e do campo, estruturar e alargar a aliança dos operários e camponeses, base da unidade das forças democráticas para o derrubamento da ditadura, para a conquista da democracia.

O governo de Salazar participa activamente NA CONSPIRAÇÃO IMPERIALISTA EM ÁFRICA

No aeroporto militar da Portela, aviões estrangeiros, 2 a 5 por noite, estão a ser carregados, desde meados de Agosto, com armas e munições diversas, minas de fabrico brasileiro e argentino, entre outras coisas. Os tripulantes brancos não falam português: falam alemão e francês; os tripulantes negros nunca saem dos aviões...

Realizado quase sempre pela calada da noite, a operação é oficialmente secreta, como oficialmente secreto é o destino das armas e dos homens e a nacionalidade dos aviões. Mas tudo leva a crer, e todos dizem, que se trata também do envio de mercenários, cujo destino é o Congo.

Acusado internacionalmente de

repetidas ingerências na vida interna do Congo, o governo fascista de Salazar tem negado oficialmente uma tal intervenção. Mas os factos falam por si, confirmando a justeza das afirmações do nosso Partido. A este respeito, no Comunicado da reunião do Comité Central do Partido Comunista Português, realizado em Julho último, pode ler-se: «Com vista a cercar as colónias portuguesas com um «cordão de segurança» e privar o movimento nacional-libertador das suas bases mais próximas, o governo de Salazar tornou-se um dos principais instrumentos da conspiração imperialista em África».

Estabelecendo alianças e acordos com os regimes mais reac-

cionários de África; recebendo e dando todas as facilidades a Tchénbé, que a do Norte-Importadores se viu abastecer de armas e munições; acobinhando e instalando oficialmente, em fins de 1946, mercenários da «Fechembé, activos do Congo; apoiando activa e activamente, com armas e betes, o belga Schramme; montando uma rede de espionagem e saboteradores, dirigida pelo SGCIA — iniciais que ascendem os serviços de espionagem saelzerista actuando em toda a África — o governo fascista de Salazar está a acumular sobre o povo português graves perigos.

A todos os anti-fascistas, a todo o nosso povo cabe a tarefa de ampliar e reforçar a luta contra esta politica de aventuras do regime fascista de Salazar.

É fartar vilanagem

(continuação da 1.ª pág.)

não se prendia com leis ninharões. Vai daí fez uma encomenda de lâminas a um tal senhor fino no valor de 30.000 contos. O diabo foi que os outros fornecedores protestaram por não ter havido concurso e dois deles logo se preenficaram a satisfazer a encomenda respectivamente por 21.000 contos e 14 mil contos. Este pagouso inconveniente, como é habitual, não teve quaisquer consequências. Ante isto é fácil imaginar a grande desconfiança recebida pelo «grande patrão» e o probro militar: que é o senhor general Francisco Chagas.

Não se julga que a sua substituição no Subsector de Aeronautica Miller foi devida a este pequeno deslize. A causa está ligada simplesmente à necessidade de uma profunda reestruturação nacional do aparelho militar, com vista a identificar a criminoso guerra contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné.

Participação activa e criadora

(continuação da 1.ª pág.)

ções de Julho.

A luta pelo cumprimento das tarefas saídas da reunião do Comité Central deve ser travada desde já com determinação e confiança por todos os militantes do Partido.

«Participação activa de todo o Partido na viragem do trabalho práctico». Assim se exprime o Co-

mité Central no Comunicado saído da reunião de Julho.

Ganhemos todo o Partido para a aplicação das tarefas estabelecidas, pela eliminação de métodos impróprios de trabalho, dos actos de indisciplina, pela prática de uma actividade revolucionária baseada em novas formas, em novos processos, tendo em conta as condições particulares de cada sector.



ESCLARECER — ORGANIZAR — LUTAR

PROTECÇÃO E SEGURANÇA NO TRABALHO UMA BATALHA INADIÁVEL A TRAVAR

Desastres com máquinas, derrubadas de pedreiras e andaimés, explosões, intoxicações e tantos e imperdoáveis motivos que é impossível mencionar trazem diariamente a mutilação e a morte a operários e operárias trabalhando em condições clamorosa insegurança. Em todos os casos, invariavelmente presente, está a desenfreada exploração capitalista, que nega defesa aos operários a protecção e a sempre maiores ritmos de trabalho e maiores lucros.

Era já assustador o número de 5 acidentes por minuto confessado pelo ministro das Corporações ao inaugurar, em Maio de 1965, o chamado I Congresso Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais.

Semanas antes, na Assembleia Nacional, um deputado salazarista classificava de «quase astronómico» o número de 41.000 casos de incapacidade permanente, média anual citada por um relatório oficial referente ao período de 1958-1962. Foram, pois, em cada um destes anos, pelo menos 41.000 operários cujos braços a enorme máquina de exploração capitalista criminosamente inutilizou! Braços condenados muitas vezes à esmola, pois serão de miséria as pensões que lhes reservam!

Referindo-se aos acidentes mortais, os fascistas fabricaram taxas de um por mil e até hoje nunca foram além de uns vagos «500 casos ou mais». Porém, a opinião de alguns especialistas

na matéria é bem diferente: já há anos calculavam em mais de 2.000 o número de acidentes mortais que ocorrem anualmente.

Considerando ainda os casos de incapacidade temporária, que atingem cerca de 300.000 operários em cada ano daquele período de 1958 a 1962, podemos avaliar as trágicas condições de insegurança em que trabalha a imensa maioria da população laboriosa em Portugal.

Após a realização de uma pseudo campanha contra os acidentes de trabalho e do referido «Congresso», após a entrada em vigor de um novo regime jurídico para substituir, em 1965, o que vigorava desde 1956 (1) e outras medidas demagógicas semelhantes, o problema não só não foi resolvido como até se tem vindo a agravar.

Vão os operários e as massas trabalhadoras permitir que os seus exploradores e opressores continuem imperturbavelmente a roubar-lhes o direito ao trabalho e à vida?

Não! Os trabalhadores defenderão firmemente estes direitos sagrados, recusando-se a trabalhar na falta das condições mínimas já estipuladas pela lei, reclamando insistentemente o melhoramento das condições de higiene e segurança nas fábricas, oficinas, nos campos e em todos os locais de trabalho, até que lhes sejam garantidas as condições necessárias à defesa da sua integridade física e ao respeito pela sua dignidade de homens.

GREVE VITORIOSA dos trabalhadores de Alpiarça

Alpiarça figura em lugar cimeiro na luta do povo português contra o fascismo. Luta escrita com sangue, luta que custou a vida a Alfredo Lima, à frente de uma manifestação de trabalhadores.

Este ano, no período das ceifas, voltou a haver luta em Alpiarça. Os trabalhadores reclamaram um aumento de 10500 sobre os salários de 60800. Os agricultores recusaram. Mantendo a sua tradição de unidade, sob cuja bandeira se desenvolveram os grandes lutes de 1862, os trabalhadores fizeram greve. Interviu a PIDE, com ameaças de espancamento. A GNR actuou do mesmo modo, tentando forçar os tra-

balhadores a que recomeçassem o trabalho. A acção das forças repressivas mostrou-se mais uma vez ineficiente, em face da firmeza e unidade dos operários agrícolas de Alpiarça. Eles só regressaram ao trabalho quando os agrários se dispuseram a pagar-lhes os 60800 que reclamavam depois da greve do 1.º de Maio, com que os trabalhadores de Alpiarça assinalaram a jornada internacional da classe operária, a nova luta vitoriosa demonstra mais uma vez que só a unidade e combatividade dos trabalhadores, que só a luta organizada contra a exploração, pela conquista de melhores salários permitem conquistar vitórias.

Em marcha para novas lutas

O Comité Central do Partido Comunista Português precisou de novo a sua orientação para as lutas de massas: «O Comité Central afirma o Comunicado da reunião de Julho — considera tarefa fundamental orientar o descontentamento e indignação populares no sentido da intensificação da luta em todas as frentes, realizar o trabalho de esclarecimento, de agitação e organização, com o objectivo de pôr em movimento e canalizar o potencial revolucionário das massas, numa perseguição de vista a meta desejada: a liquidação da ditadura fascista, a conquista da liberdade».

É NECESSÁRIO INTENSIFICAR AS LUTAS REIVINDICATIVAS

Reina descontentamento crescente entre os corticeiros. O aumento dos salários conseguido há dois anos foi insuficiente desde o começo. Os ritmos de trabalho aumentaram. As horas extraordinárias não são pagas segundo

o que a lei determina. Mas o descontentamento existente precisa de transformar-se em luta organizada. No Montijo, os corticeiros conseguiram por fim ao trabalho suplementar com que os operários pagavam os feriados obrigatórios. Esta conquista tem um real valor, mas deve estender-se a todos os operários corticeiros. Só pela luta uma tal reivindicação será alcançada.

Grupos de corticeiros do Margem Sul concentraram-se no sindicato, para reclamarem aumento de salários e para tomarem conhecimento do ponto em que se encontra o novo contrato colectivo.

Uma tal diligência é inteiramente justa, mas ela mostrar-se-á ineficaz se as concentrações não forem muito numerosas, se a pressão no sindicato não for mais firme, se a luta se não desenvolver nas empresas através de concentrações massivas junto da gerência, se os trabalhadores não criarem as suas comissões de unidade e não coordenarem a luta.

Na fábrica Alba, em Albergaria-a-Velha, cerca de 1.000 operários ganham salários irrisórios. O contrato colectivo de trabalho, ainda em vigor, é de 1948! O aumento de salários, a melhoria das condições de trabalho, a actualização do contrato colectivo são uma exigência imediata que deve transformar-se em motivo de luta, em formas de organização, em concentrações massivas junto dos patrões e do sindicato.

(continua na 4.ª pag.)

PROSSEGUE A LUTA DOS BANCÁRIOS

às manobras dos bancos deve opôr-se a luta firme dos bancários

Em cada dia se criam em Portugal novas agências dos Bancos. Em cada dia aumenta o seu poder. Mas este polvo de mil tentáculos recusa-se a satisfazer as modestas reivindicações dos seus empregados e comporta-se em relação a eles com revoltante prepotência.

As conversações que se vinham processando entre os representantes dos sindicatos e dos Bancos para a elaboração de um novo contrato colectivo, encontram-se suspensas. Os magnatas da Finance afirmam que só as reivindicações aceites nas alterações do horário e o aumento do tempo de trabalho que antes propuseram, contra 10 por cento no aumento dos ordenados.

Os bancários recusaram-se a aceder a uma tal intimidação. Entretanto a sua luta prossegue. Realizaram-se novas assembleias gerais que acentuaram a posição de firmeza já definida. As direcções dos sindicatos de Coimbra e Porto enviaram uma exposição

ao Ministro das Corporações, onde de novo se formulam as reivindicações dos bancários.

Entretanto os representantes dos Bancos agem para dividir esta corajosa classe, utilizam os elementos venais que pretendem semear a confusão e neutralizar a luta.

Reforçar a unidade, dar combate à acção divisionista, é uma tarefa essencial dos trabalhadores dos Bancos. Mas a sua unidade no momento presente só pode reforçar-se pelo desenvolvimento da luta em torno das reivindicações apresentadas.

Novas assembleias gerais devem ter lugar nos sindicatos de Lisboa, Coimbra e Porto, para que a acção reivindicativa prossiga.

As manobras para neutralizar a luta, às posições de cedência que se manifestam já na direcção do sindicato de Lisboa, os bancários devem opôr uma intransigente oposição de firmeza, de combatividade e de unidade.

A presente luta reivindicativa, embora possa continuar a apoiar-

-se nos sindicatos, deve criar outros órgãos de luta, as comissões de unidade nos bancos, que mobilizem os bancários, coordenem e dirijam a sua luta à escala de cada cidade e permitam a sua coordenação nacional.

A acção reivindicativa dos bancários entrou numa nova fase. Ela não pode ficar a meio caminho ou retroceder. Tem que manter-se em posições de firmeza e marchar adiante. Tem que manter-se em posições de unidade, mobilizando, em cada dia, as energias salutaras dos trabalhadores dos bancos na defesa dos seus interesses. São os seus problemas fundamentais que estão em fogo, e não outros.

Menos lucros para os magnatas da finance. Melhores salários para os trabalhadores dos bancos.

FIRMEZA REVOLUCIONÁRIA

Diante dos corticeiros da PIDE, nos momentos de interrogatório e deturbação, há uma atitude a tomar: resistir corajosamente. Suportar todas as brutalidades e não traír, não denunciar. Quanto mais se cedia no luta, melhor se resistia às torturas.

A União Soviética no cinquentenário da Revolução de Outubro

Uma comunista portuguesa fala sobre a sua viagem À UNIÃO SOVIÉTICA

A convite da organização do Komsomol (Juventudes Comunistas da União Soviética) visitaram a União Soviética jornalistas de perto de 80 países do mundo, neste ano do quinquagésimo aniversário da grande Revolução de Outubro. Entre estes convidados encontrava-se uma comunista portuguesa, como representante da imprensa clandestina do Partido Comunista Português.

O «Avante!» começará hoje a publicar uma série de reportagens e artigos sobre aspectos da vida e das realizações do povo soviético, observados durante esta viagem.

A CONSTRUÇÃO DO COMUNISMO E A ELEVAÇÃO DO BEM ESTAR DO POVO SÃO INSEPARÁVEIS

Durante todo o itinerário da nossa longa viagem, de Moscovo a Leninegrado, de Riga — capital da Letónia a Tskent no Uzbequistão, daí à Crimeia, de Kiev — na Ucrânia até Brest na Bielorrússia, tive ocasião de observar o trabalho estorçado e enérgico do povo soviético, sob a direcção do seu Partido Comunista.

Assistimos primeiro às manifestações populares e ao desfile militar do 1.º de Maio em Moscovo. Vimos combinados fabris grandes como cidades, e cidades de milhares de habitantes levantadas em terrenos ainda há um ano desertos. Vimos centrais hidro-eléctricas com a potência de centenas de milhões de kilowatts, como a de Tchirchik que é servida por um sistema de 16 barragens, em que trabalham apenas 34 pessoas, tal é o seu nível de automatização. Sobrevoando o deserto de Ferganá, na região de Gulistan que antes se chamava «a estepe da fome», vimos o espectáculo maravilhoso da conquista do deserto pela vegetação fecunda que invade as terras áridas, ao longo dos canais de irrigação. Só ali, foram conquista-

dos mais de 550 mil hectares de terras férteis ao árido deserto. Estivemos em escolas e Universidades e na cidade de Dubna, centro de altas pesquisas no domínio da física nuclear, onde o átomo é subordinado ao bem da Humanidade.

E tudo o que vi reforçou em mim a certeza, exaltante para um comunista, dos grandes progressos obtidos pelo povo soviético sob o regime socialista nos domínios económico, militar, científico, técnico e cultural.

Tivemos a sorte de fazer esta viagem pela União Soviética meio século depois deste grande país ter empreendido o caminho do desenvolvimento socialista sob a direcção do Partido de Lénine. Essa sábia direcção, pude constatar-lo, anota-se na confiança do povo, na força e entusiasmos dos trabalhadores, e exerce-se com a sua participação activa e responsável.

Conversando com as operárias duma fábrica têxtil do Uzbequistão, com uma equipa de betonistas de choque nas obras da central hidro-eléctrica «Komsomol», perto de Kiev, com os operários agrícolas dum sovkoz da Ucrânia, e com muitos outros trabalhadores soviéticos, todos eles relataram as assembleias e reuniões massivas em que participaram, e as decisões tomadas pelos seus colectivos, com vistas a festejar com dignidade a vitória do Grande Outubro com novos feitos no trabalho, com novos sucessos na edificação do comunismo, no desenvolvimento sucessivo da sua base material e técnica, e no aumento do poderio económico e defensivo do país.

Através dessas conversas e de tudo o que tive ocasião de observar, pude compreender, ao vivo, a seguinte afirmação:

«O comunismo não é para nós soviéticos, um ideal abstracto, mas sim uma necessidade histórica objectiva. É uma actividade viva diária que milhões de trabalhadores desenvolvem com fins à felicidade de homens, para assegurar o seu bem estar e o progresso social harmónico e livre».

Estas palavras de Alexei Kossighin, chefe do governo soviético, no seu informe feito ao XXIII Congresso do PCUS sobre o presente plano quinquenal, foram confirmadas por tudo o que observei e ouvi no decorrer da mi-

nha viagem, e senti-as profundamente ligadas a essa sua outra afirmação:

«A construção do comunismo e a elevação do bem estar do povo são inseparáveis».

Como nos dizia um dirigente do Gosplan (organismo central de planificação da economia da URSS), «os êxitos do desenvolvimento da economia do país repousam em cada trabalhador soviético, porque em regime socialista os trabalhadores sabem que são os criadores e são os beneficiários de todos esses êxitos».

Com o aumento da riqueza social cresce o bem estar de cada trabalhador soviético. A Renda Nacional da URSS é uma das mais importantes do Mundo e aumenta constantemente: — os rendimentos reais dos trabalhadores aumentam paralelamente. Mais de três quartos da Renda Nacional da União Soviética são investidos para satisfazer as necessidades dos trabalhadores, enquanto nos países capitalistas mais de metade da Renda Nacional vai para os bolsos das classes exploradoras, que constituem apenas uma décima parte da população.

No ano do quinquagésimo aniversário da grande Revolução Socialista, sob a direcção do seu Partido e do Estado, o povo soviético conquista novos sucessos, que tornam a sua vida mais próspera, mais culta e mais feliz.

DA HERÓICA CIDADE DE VOLGOGRADO À KIRGUIZIA OS PIONEIROS SOVIÉTICOS E OS JOVENS COMUNISTAS PROTESTAM CONTRA A REPRESSÃO FASCISTA

Nos meses de Fevereiro e Março, uma vasta campanha de solidariedade aos presos políticos portugueses foi levada a cabo por dezenas de milhares de pioneiros e jovens comunistas em mais de 60 cidades soviéticas.

Em comícios grandiosos, aprovando resoluções e cartas de protesto dirigidas ao governo português e à ONU, alunos e professores de numerosas escolas reclamaram uma vida feliz para as crianças portuguesas, protestaram contra a repressão fascista em Portugal, exigiram a anulação do decreto de deportação para as colónias, a libertação dos presos políticos e a liberdade para o povo português.

«Não podemos deixar que isto aconteça!». Estas palavras de 698 pioneiros de uma escola média do Kazaquistão e da resolução aprovada num comício da região de Kirov, poderiam sintetizar o protesto veemente dos pioneiros soviéticos. Das cidades

heróicas de Volgogrado, Odessa, Kiev, onde o fascismo hitleriano foi rechacado, às repúblicas soviéticas orientais do Uzbequistão, Kazaquistão, Kirguizia, Tadjiquistão, onde o socialismo liquidou para sempre a exploração, a miséria e o analfabetismo, as crianças soviéticas exprimiam numa só voz a condenação do fascismo de Salazar e a sua activa solidariedade ao povo português.

Snudando toda a juventude soviética, num encontro dos jovens de todos todos os bairros de Mos-

covo com mais de 1.000 participantes, uma jovem comunista portuguesa afirmou: «A campanha dos pioneiros e dos jovens soviéticos foi para nós uma grande ajuda material, política e moral. Os nossos presos e as suas famílias, os trabalhadores portugueses e todo o nosso povo apreciam altamente a solidariedade e ajuda dos jovens e dos pioneiros soviéticos».

A classe operária e o povo português nunca esquecerá esta ajuda solidária e fraternal.

A semana de 5 dias de trabalho

Entre as notáveis decisões do XXIII Congresso do P.C.U.S. figura a importante medida social e económica que estabelece a passagem dos operários e empregados à semana de 5 dias de trabalho.

Esta medida visa conceder aos trabalhadores soviéticos condi-

ções para um aproveitamento racional do tempo livre, consagrando-o ao desenvolvimento da sua cultura, ao aperfeiçoamento técnico e a todas as questões que interessam a sua formação nos mais variados planos, além do repouso físico que lhes proporciona.

HÁ 10 ANOS

VOOU NO ESPAÇO O 1.º SPUTNIK

A 4 de Outubro de 1957, há precisamente 10 anos, a União Soviética colocou em órbita o primeiro satélite artificial da terra, enchendo de alegria e espanto a Humanidade progressiva.

A 12 de Abril de 1961, Yuri Gagarine, cidadão soviético, tripulou a primeira nave cósmica, iniciando o voo do Homem no espaço sideral.

Os sucessos soviéticos repetiram-se no decurso destes últimos 10 anos, ganhando maior projecção, abrindo novas possibilidades ao conhecimento e conquista do Cosmos.

Yuri Gagarine foi o pioneiro desse ousado empreendimento. A União Soviética foi a nação cujo regime socialista, cujo desenvolvimento científico e técnico, cujo arrojo dos seus filhos permitiram a realização de tão extraordinários feitos.

Peniche sob o terror



As amplas acções de solidariedade podem deter os carrascos dos presos políticos

A Fortaleza de Peniche continua a ser o mais sinistro bastião do terror fascista. Ali campeiam as provocações e os castigos. No estreito limite das suas celas, os melhores filhos do povo, como Pires Jorge, Blanqui Teixeira, Dias Lourenço, Octávio Polo, Carlos Costa, José Magro e outros combatentes de vanguarda sofrem na sua abalada saúde as consequências do ambiente terrorista que impera naquela prisão.

Nos últimos tempos a situação registou um novo agravamento. Os presos foram encerrados nas suas celas, suspensos os recreios e toda a vida em comum, incluindo o momento da refeição que passou a ser na própria cela, proibida a entrada de jornais e livros, ameaçados vários presos de espancamento. «Da outra vez — afirmou o chefe dos guardas Vitor Ramos — ainda escolhemos os presos que foram espancados. Agora serão todos agredidos». E o próprio director, o famoso capitão Manuel Falcão, não hesitou em afirmar, na presença dos guardas, que os artigos da Reforma Prisional permitiam o espancamento dos presos.

São instrumentos directos desta nova ofensiva, os guardas Pouppe, useiro e vezeiro na agressão, Asdrúbal, que a cada passo ameaça utilizar o casse-tête, Duarte, o guarda que mais castigos tem originado, Rosa, Cunha e Pereira, que denunciamos como carrascos dos patriotas detidos.

Vinte e sete advogados portugueses requereram recentemente junto do ministério da Justiça, que fosse feito um inquérito imparcial às condições em que se encontram os presos políticos de Peniche. As famílias dos presos, os seus amigos, os democratas de várias tendências, a opinião pública nacional e internacional continuam a exigir a abo-

lição das «medidas de segurança», a requerer um tratamento humano para os presos, a reclamar a libertação dos patriotas que terminaram as suas penas, entre os quais figuram Sofia Ferreira, Augusto Lindolfo, José Bernardino, Agostinho Saboga, Albino Fernandes, Natália David e outros.

Ao esforço e tenacidade de quantos lutam pela libertação dos presos e contra o terror fascista, é preciso juntar novas vontades, novas acções colectivas no país e no estrangeiro, reforçar a mobilização das massas populares, para fazer sentir a Salazar, que capitanea a repressão secundado pelo ministro do Interior e pelo director da PIDE, Silva Pais, que o seu bando de malfeteiros não comete impunemente os maiores crimes ou as violências mais discretamente aplicadas, sem levantar contra si vementes protestos.

Enviamos cartas e postais a Salazar, ao ministro do Interior e da Justiça, ao director da Fortaleza de Peniche, aos guardas que se destacam na repressão. É necessário que os carrascos saibam que não têm as mãos livres

A REVOLUÇÃO DE 5 DE OUTUBRO

A revolução de 5 de Outubro de 1910 marca um avanço na História Pátria. A República foi instaurada. Triunfou a democracia burguesa e parlamentar. As instituições monárquicas foram varridas.

Saudamos os filhos do povo, os combatentes da República, que na Rotunda, na escalada de Monsanto, no esmagamento da tentativa monárquica do Norte, deram a vida pelas novas instituições triunfantes.

O apoio do povo, a mobilização do povo, a luta do povo foram factores decisivos do êxito da revolução. Assim o compreenderam os dirigentes da luta, os democratas que organizaram o 5 de Outubro e tornaram possível a sua vitória.

Diante do inimigo comum — a Monarquia — os democratas formaram-se unidos e por isso venceram. Eles não recuaram perante a utilização de formas ilegais de luta, perante a organização ilegal das forças revolucionárias para se lançarem ao assalto do poder, embora tenham sabido aproveitar com êxito as condições legais. Triunfaram também por este facto.

Os combatentes da República estavam em face de um inimigo enfraquecido e desacreditado, mas que se recusava a abando-

nar o poder. Os democratas de então não recuaram perante a dureza e o sacrifício da luta, não procuraram a conciliação e o compromisso com o inimigo para triunfarem.

Unidos, apoiados no povo, chamando o povo à luta, organizando-o, dirigindo-o, os democratas de 1910 conseguiram juntar à sua volta as forças revolucionárias da Nação e com elas tornaram possível a conquista do poder. A luta armada foi a solução que encontraram.

Cinquenta e sete anos depois do triunfo da Revolução de 5 de Outubro, a lição dos factos passados pode continuar a servir à luta do tempo presente pela conquista da Liberdade, pelo triunfo da Democracia.

Organização, Unidade, Acção! Formação de uma só frente de luta, em que a força do povo e dos democratas se transformaram na torrente revolucionária impetuosa, que varrerá definitivamente o fascismo!

«O Avante!» não se destrói

É de evitar de cada leitor fazer chegar o «Avante!» tão longo quanto possível. Em vez de destruí-lo pode envia-lo pelo correio a um amigo, deixá-lo em lugar em que possa ser facilmente encontrado por trabalhadores. Há milhares de pessoas que desejam ler o «AVANTE!»

CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DA F.N.L. IMPORTANTE PROGRAMA

para edificar um Vietnam do Sul independente, democrático e pacífico

Em meados do mês de Agosto último, na zona libertada, reuniu-se um congresso extraordinário da Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul.

Os Estados Unidos — declara o comunicado da F.N.L. — têm sofrido derrotas no Vietnam do Sul e no Vietnam do Norte. A Frente tornou-se o único representante válido do povo sul-vietnamita. Ela decide mobilizar ainda mais energicamente o povo inteiro e as forças armadas para a vitória.

O congresso extraordinário da F.N.L. adoptou um importante programa político.

POLÍTICA INTERNA

A Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul deseja edificar um Vietnam do Sul independente, democrático, pacífico, neutro e próspero e progredir em seguida na via de reunificação da pátria.

Para atingir este objectivo, é necessário abolir o regime colonial estrangeiro, estabelecido no Vietnam com o Sul pelos Estados Unidos, e, consequentemente, derubar a administração fanélica implantada pelos americanos.

Serão realizadas eleições livres em seguida, para eleger por sufrágio universal, directo e secreto, uma Assembleia nacional realmente democrática.

Esta designará por sua vez o governo de união nacional compreendendo diversas camadas sociais nacionalizadas, comunidades religiosas, partidos demo-

POLÍTICA EXTERNA

A F.N.L. deseja aplicar uma política externa de paz e de neutralidade e estabelecer relações diplomáticas com todos os países, independentemente dos seus sistemas políticos e sociais e segundo os princípios do respeito mútuo, da soberania, da independência dos Estados e da não ingerência nos seus assuntos internos.

— Está disposta a desenvolver

créncias e partidárias, etc.

Com vista a edificar uma economia nacional independente, a F.N.L. decidiu tomar as medidas seguintes: confiscação dos bens americanos e dos agentes dos Estados Unidos; protecção de direitos dos cidadãos à propriedade dos bens de produção e outros, de acordo com as leis do Estado; encorajamento dos proprietários das empresas industriais com vista ao desenvolvimento da indústria a meio de Nação; extensão da cooperação económica com a Vietnam do Norte, etc.

Os oficiais, soldados e personalidades do governo de Saigão que se juntam às fileiras da F.N.L. serão acolhidos com indulgência, assim como os membros das forças armadas americanas e staliões. Os agentes dos Estados Unidos serão severamente punidos.

— A F.N.L. apoiará, no futuro como no passado, os movimentos de libertação nacional da Ásia, África e da América Latina.

— Apoiará igualmente a luta do povo americano contra as forças imperialistas responsáveis pela guerra no Vietnam, assim como a luta travada pelos negros dos Estados Unidos pelos seus direitos fundamentais.

— A F.N.L. lutará activamente para contribuir para a salvaguarda da paz mundial.

A festa de L'Humanité

Na maior festa popular da França, na festa de «L'Humanité», órgão central do P.C.F., realizada no magestoso Bosque de Vincennes, entre as representações de 42 países, incluindo os países socialistas, figuravam dois stands consagrados, um ao jornal «Avante!», outro aos democratas portugueses. Este último apresentava, dominando o fundo, duas grandes fotografias: Carlos Abóim Inglês e o capitão Varela Gomes.

Os democratas portugueses emigrados em França, que participaram activamente nesta festa, realizaram uma ampla recolha de assinaturas contra a repressão e procederam à distribuição de numerosos folhetos e publicações incluindo o jornal «Avante!». «O Avante!» testemunha à classe operária e aos comunistas franceses a sua viva satisfação por mais este acto de internacionalismo proletário.

NÃO

às guerras coloniais

Com a intensificação da justa luta libertadora dos povos coloniais, é cada vez maior o número de soldados mortos em África. Quando a imprensa e as autoridades fascistas fazem grande alarido acerca do regresso de tropas das colónias, um silêncio de chumbo cai sobre o número de mortos que na mesma altura são transportados para Portugal.

Comunicou o governo salazarista que o navio «Uige», quando da sua última chegada a Lisboa, transportava 22 urnas com 22 cadáveres de jovens ingloriamente sacrificados numa guerra criminosa?

Mas não são só dezenas nem centenas; serão milhares de jovens que a camarilha fascista continuará a vitimar numa luta sem honra, se a juventude e o povo português não fortalecerem a sua luta contra as bárbaras guerras coloniais.